

Maribel Mendes Sobreira
Universidade de Lisboa



Arquiteta. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL). Mestre em filosofia e doutoranda no campo da estética e filosofia da arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Universidade de Cagliari. Coordena o NES_UL (Núcleo de Estudos Simmelianos da Universidade de Lisboa). Seus tópicos de pesquisa incluem urbanismo e qualidade de vida, a relação entre arquitetura e filosofia, estética, filosofia da arte e filosofia da cultura.

cv: <http://cful.lettras.ulisboa.pt/people/maribel-sobreira/>

E-MAIL: maribel.sobreira@campus.ul.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9852-5750>

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitetura

RESUMO: O principal objetivo deste artigo é discutir uma possível conexão entre arquitetura e filosofia, particularmente explicitar a relevância da filosofia, ou seja, na sua visão platônica, para uma melhor compreensão da essência da arquitetura. Interpretando o conceito de chôra como um esquema para entender a cidade, desta forma podemos recusar a abordagem mais comum para a arquitetura, como sendo apenas focada em objetos arquitetônicos, e identificar a sua essência: não saber o que é um edifício ou para descobrir a sua beleza ou utilidade, mas antes perceber o que é um abrigo e o que significa construir. Procedendo da idéia de que, para Platão, a arquitetura é uma das disciplinas essenciais da vida humana, que ele classifica como uma

ciência pura, onde através de critérios matemáticos e outros, como pesagem, medição, contagem, confere a possibilidade de materializar edifícios que não existiam antes. Vamos ver, por exemplo, no diálogo Menon, que figuras geométricas lembram a alma a visualização da idéia pura. O que significa que o tékhton -de arquitetura- deve materializar o inteligível através de uma linguagem geométrica, encontrando a beleza/universal, bom, através de sua estabilidade, solidez e beleza, como explica Vitruvius em *De Architectura* como *utilitas, venustas e firmitas*. É impossível compreender verdadeiramente as cidades sem pensar na ligação entre o rito da construção e o Gênio loci como um lugar de pertença ontológica e a relação da paisagem com o

meio ambiente. Enraizados na
undação (Grund) da existência,
as cidades estão entre o ato
do pensamento e o ato da
construção. O objetivo deste
capítulo é
responder à seguinte pergunta:
se todos nós temos a capacida-
de de conceber, em pensamen-
to, uma casa, pode esse gesto
em si mesmo ser considerado
uma parte de uma cidade, e
como isso influencia a nossa
leitura da cidade?

PALAVRAS-CHAVE: PLATÃO, CHÔRA,
CIDADE, ARQUITETURA, GENIUS
LOCI

City as chôra and shelter: on the essence of architecture

ABSTRACT: The main purpose of this paper is to discuss a possible connection between architecture and philosophy, and particularly to explicit the relevance of philosophy, namely in its Platonic view, for a better understanding of the essence of architecture. Interpreting the concept of chôra as a schema to understand the City, we can refuse the most common approach to architecture as being only focused on architectural objects, and identify its essence: not to know what a building is or to find out its beauty or utility, but to realise what is a shelter and what means to build. Proceeding from the idea that for Plato, Architecture is one of the essential disciplines of human life, which he classifies as a pure science, where through mathematical and other criteria such as weighing, measuring,

counting, confer the possibility to materialize buildings that did not exist before. We will see for example in the Menon dialogue that geometric figures remind the soul the visualization of the pure idea. Which means, the tékhton – of Architecture – should materialize the intelligible through a geometrical language by meeting the Beauty/Universal Good, through its stability, solidity and beauty, as Vitruvius explains in *De Architectura* as *utilitas, venustas* and *firmitas*. It's impossible to truly understand Cities without thinking the connection between the construction rite and the *Genius Loci* as a place of ontological belonging and the relation of the landscape with the environment. Rooted in the foundation (*Grund*) of existence, Cities are between the act of thought and the act of construction.

The aim of this chapter is to answer the following question: if we all have the capacity to conceive, in thought, a house, can that gesture in itself be considered a part of a city, and how does that influences our reading of the city?

KEYWORDS: PLATO; CHÔRA, CITY, ARCHITECTURE, GENIUS LOCI

Cidade como chõra e abrigo: sobre a essencia da arquitectura

Maribel Mendes Sobreira
Universidade de Lisboa

ARQUITECTURA ENTRE *ἀρχιτέκτων* E *οἰκοδομή*

Antes de termos feito uma investigação mais exaustiva do termo “Arquitectura” na sua etimologia grega, a primeira noção da palavra com que nos defrontamos, após uma pesquisa em dicionários e em alguns livros versados sobre a temática da Arquitectura, foi a de: *ἀρχιτέκτων* (*arkhitekton*), que em grego, combina duas palavras. Por um lado, a *ἀρχή* (*arché*) que tanto pode significar início como princípio. Designa um ponto de partida, um fundamento, que Platão, nas *Leis*, livro VI (775e)¹ associa a uma espécie de divindade, *que arraigada no ser humano o transforma numa potência geradora de toda a actividade cognitiva* (Fedon, 79d);

1 “Pues el principio, cuando arraiga en lo humano como una especie de divinidad, lo salva todo con tal de que se le tributen por parte de cada uno de los que operan las honras que le son debidas.”, *Las leyes / Platon ; ed. bilingue*, traduccion, notas y estudio preliminar por Jose Manuel Pabon y Manuel Fernandez-Galiano. - Madrid : Instituto de Estudios Politicos, 1960. - 2 vol. - (Clasicos politicos). - Texto paralelo em grego e espanhol.

por outro lado *τέκτων* (*tektōn*) que está associado a *τεχνη* (*technē*) que significa construção, edificação, operário, técnica. A arquitectura seria assim a operação que materializaria a *ἀρχή*, dando-lhe forma.

Poderemos, também, reconhecer essa potência geradora na palavra indo-europeia *tek* – gerar, dar nascimento a.; ou *teks* – tecer, fabricar. Se entendêssemos a *ἀρχή* como a coisa prévia à razão a *Arquitectura* seria, e é, uma actividade geradora [da passagem] da potência ao acto.

Contudo, uma investigação mais cuidada levou-nos a refutar a ideia de que a palavra original em grego seria a que acima expusemos. Esta seria antes *οἰκοδομή* (*oikodomē*), *οἰκοδομικήν* (*oikodoniken*), *οἰκοδομικός* (*oikodomikós*), estas palavras² derivadas de *oikos*³ estão associadas à capacidade de o lugar se tornar casa, lar, de se criar uma identificação ontológica com o território; a palavra *ἀρχιτέκτων* (*arkitekton*), seria utilizada para designar o arquitecto e não a sua disciplina. A palavra associada à raiz *arché* e *tektōn* surge quando se traduz a bíblia do hebraico para o grego, aparecendo assim o termo *ἀρχιτεκτονίας* (*árkitektónias*) para traduzir do hebraico: *ma·hă·šā·bōt*, *mə·le·kēl*, e também *mə·lā·kāh*⁴ que em português é traduzido por: apto a idealizar obras ou toda a espécie de trabalhos e ainda artesanão. Como poderemos constatar nas traduções portuguesa, inglesa e gregas do Êxodo 35:32 e 35:35:

2 In *Biblissima*. http://outils.biblissima.fr/lemmatiseur_grec/index.php?pos_ind=6729348. E *Perseus*, <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0167:book=1:section=346d>. Visitados a 15-06-2014.

3 In: A greek english lexicon of the new testament and other early christian literature, pp.561-564.

4 In *Bible hub*. <http://biblehub.com/interlinear/exodus/35.htm>. Visitado a 17-06-2014.

“^{EX.35:32} *tornou-o apto a idealizar obras, a trabalhar o ouro, prata e o bronze;*”⁵

“^{EX.35:32} and to make skillful works, to work in gold, in silver, in brass,”⁶

por:

“*ἀρχιτεκτονεῖν* TO-BE-ARCHITECT-ING *κατὰ* DOWN / ACCORDING TO / AS PER (+ACC), AGAINST (+GEN) *πάντα* ALL (NOM|ACC|VOC), EVERY (ACC) *τὰ* THE (NOM|ACC) *ἔργα* WORKS (NOM|ACC|VOC) *τῆς* THE (GEN) *ἀρχιτεκτονίας* ARCHITECTURE (GEN), ARCHITECTURES (ACC) *ποιεῖν* TO-BE-DO/MAKE-ING *τὸ* THE (NOM|ACC) *χρυσίον* PIECE OF GOLD (NOM|ACC|VOC) *καὶ* AND *τὸ* THE (NOM|ACC) *ἀργύριον* PIECE OF SILVER (NOM|ACC|VOC) *καὶ* AND *τὸν* THE (ACC) *χαλκὸν* COPPER OR BRONZE (ACC) “;”⁷

ou:

“^{EX. 35:35} Encheu-os de sabedoria e talento para executar todas as obras de escultura e de arte; para bordar em tecidos de púrpura violácea, de púrpura escarlata, de púrpura carmesim e de linho fino, e para levar a cabo, bem como planificar, toda a espécie de trabalhos.”⁸

5 *Bíblia Sagrada*, Lisboa/ Fátima, Difusora Bíblica, 2009, p.157.

6 *In Katabiblon*. <http://en.katabiblon.com/us/index.php?text=LXX&book=Ex&ch=35&interlin=on#v32>. Visto em 17-06-2014.

7 Op. cit.

8 *Bíblia Sagrada*, Lisboa/ Fátima, Difusora Bíblica, 2009, p.157.

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

“^{Ex. 35:35} He has filled them with wisdom of heart, to work all kinds of workmanship, of the engraver, of the skillful workman, and of the embroiderer, in blue, in purple, in scarlet, and in fine linen, and of the weaver, even of those who do any workmanship, and of those who make skillful works.”⁹

para:

“*ἐνέπλησεν* HE/SHE/IT-SATISFY-ED *αὐτοὺς* THEM/SAME (ACC) *σοφίας* SAPIENCE (GEN) *καὶ* AND *συνέσεως* INSIGHT/DISCRERNMENT (GEN) *διανοίας* COGNITION (GEN), COGNITIONS (ACC) *πάντα* ALL (NOM|ACC|VOC), EVERY (ACC) *συνιέναι* TO-BE-BE-ING-TOGETHER; TO-BE-UNDERSTAND-ING *ποιῆσαι* TO-DO/MAKE, BE-YOU(SG)-DO/MAKE-ED!, HE/SHE/IT-HAPPENS-TO-DO/MAKE (OPT) *τὰ* THE (NOM|ACC) *ἔργα* WORKS (NOM|ACC|VOC) *τοῦ* THE (GEN) *ἁγίου* HOLY ([ADJ] GEN) *καὶ* AND *τὰ* THE (NOM|ACC) *ὑφαντὰ* WOVEN ([ADJ] NOM|ACC|VOC) *καὶ* AND *ποικιλτὰ ὑφᾶναι* TO-???, BE-YOU(SG)-???-ED!, HE/SHE/IT-HAPPENS-TO-???(OPT) *τῷ* THE (DAT) *κοκκίνῳ* SCARLET ([ADJ] DAT) *καὶ* AND *τῇ* THE (DAT) *βύσσῳ* FINE LINEN (DAT) *ποιεῖν* TO-BE-DO/MAKE-ING *πᾶν* EVERY (NOM|ACC|VOC) *ἔργον* WORK (NOM|ACC|VOC) *ἀρχιτεκτονίας* ARCHITECTURE (GEN), ARCHITECTURES (ACC) *ποικιλίας*”¹⁰

O termo que entrou para a nossa linguagem seria, então, a tradução que se fez do grego *ἀρχιτεκτονίας* (árkitektónías) para o latim *Architectura*, para a qual Hubert Damisch chama a atenção, dizendo que a *Ars* latina é diferente do sentido grego que para Cícero seria “uma maneira de ser ou de agir, a habilidade

9 In Katabiblon. <http://en.katabiblon.com/us/index.php?text=LXX&book=Ex&ch=35&interlin=on#v32>. Visto em 17-06-2014.

10 Op. cit..

adquirida através do estudo ou da prática, um conhecimento da natureza técnica”¹¹.

É curioso depararmo-nos com a ideia de que a palavra, como a conhecemos hoje, com que nomeamos a disciplina arquitectura tenha aparecido depois, quando se tentou teorizar o *métier* do arquitecto. Pois existiam outros conceitos para nomear a arquitectura, como vimos acima, o *οἰκοδομικήν* que Platão nos seus diálogos, como veremos no segundo capítulo, utiliza quando se quer referir à Arquitectura. Nesta análise, podemos notar que a relação com a ideia de arquitectura nasce de uma correspondência empírica com a envolvente, carregando uma carga de concepção simbólica e mitológica que molda a relação cognitiva com a envolvente que, neste sentido, é intuída e pensada universalmente.

Refugiar-nos-emos nas palavras de Tomás de Aquino, para explicitar e tornar mais clara a noção de que a arquitectura reside na universalidade de ser intuída e criada no mundo das ideias, “a casa existe de antemão na mente do construtor, e a isto pode chamar-se ideia da casa, porque o artífice intenta fazer a casa semelhante à forma que concebeu na sua mente.”¹². A casa surge na mente/ideia, mas ela surge – de uma forma despercebida – primeiro na sensação/intuição que só depois é conceptualizada pela razão, sem se aperceber da intuição, acreditando que a ideia surgiu apenas no intelecto.

Partindo da premissa de que existe uma universalidade no acto de pensar uma casa, seguindo, por exemplo, Adolf Loos, que sustenta que a “arquitectura desperta estados de ânimo nos homens. (...) Se encontrarmos um montículo num bosque, com seis

11 DAMISCH, Hubert, in: *Enciclopédia Enaudi*, vol.3, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p30.

12 Conforme citado em: FERREIRA, J.M. Simões, *História da Teoria da Arquitectura no ocidente*, edições Vega, p.21.

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

pés de comprimento e três de largura, amontoado de forma piramidal, pôr-nos-emos sérios e no nosso interior algo nos dirá: Aqui está alguém enterrado. Isto é arquitectura.”¹³ ou o arquitecto Fernando Távora, quando diz que o *arquitecto antes de ser arquitecto é Homem [ser]*¹⁴, então concluiremos que, de facto, muitas vezes entendeu-se que a arquitectura está no acto de pensar e de construir, quando, na realidade, está situada antes do pensamento, está na sensação.

Veja-se a seguinte citação a este propósito: “a arquitectura surge-me como uma imagem forte, depois passa para o campo da ideia (conceptualização) com a visualização do objecto (corporal ou físico). As primeiras imagens são *naïfs*, destas imagens surge a arquitectura, uma arquitectura que existe por ela mesma.”¹⁵ Intuir e pensar a arquitectura é já um *deixar-se habitar* heideggeriano, fazendo parte da essência do Ser, onde encontra o seu fundamento¹⁶ (*grund*), o seu enraizamento na Terra, dialogando e partindo da Natureza.

DA INTUIÇÃO INTELIGÍVEL À CONSTRUÇÃO

Coloquemo-nos no papel do ser humano primitivo e pensemos na necessidade de nos abrigarmos das condições meteorológicas [de um mundo que nos era adverso e estranho], de uma mera função, a protecção do ser humano da natureza. Pensemos no primeiro

13 Conforme citado em: FERREIRA, J.M. Simões, *Arquitectura para a morte – A questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*, Edições Fundação Calouste Gulbenkian, Maio de 2009, p. 856.

14 In http://www.arquitectura.uminho.pt/uploads/eventos/EV_1817/20081001449363413750.pdf. Visitado a 17/06/2012.

15 In <https://www.youtube.com/watch?v=6uGcQACoVUw> . Visitado a 16/06/2014.

16 “Fundamento é aquilo, sobre o qual se apoia tudo o que para todos os entes já existe como o sustentado.” HEIDEGGER, Martin, *O Princípio do Fundamento*, Lisboa, Edições Instituto Piaget, 1999, p. 181.

ser humano sobre a Terra, para quem a ideia de casa não existia como conceito, a sua procura de abrigo surge de uma necessidade física, mas o que acontece antes dessa necessidade física, que “pré-conceito” inteligível se dá no ser humano para que ele possa pensar o abrigo?

Antes de qualquer conceptualização, o ser humano traz consigo as coordenadas gravitacionais que o fazem andar sobre a terra e conhecer a sua posição espacial no território, ou seja, altura; largura; profundidade; alto; baixo; esquerda; direita; longe; perto. É com estas indicações – que subtilmente o constituem e fazem parte da sua intuição do mundo – que parte para a construção de espaço habitável, ou seja, já tem em si arquitectura, isto é, é já *arquitectura*. O ser tem arquitectura dentro de si, não há uma relação de exterior, de dentro e fora com o objecto, porque ele só existe como objecto quando o ser humano se explica por conceitos, conceptualizando a sua experiência subtil com o espaço. O ser humano já traz consigo as referências espaciais antes do espaço físico e material. O ser humano primitivo descobre a gruta por ter já em si a capacidade de intuir um espaço; depois da sua descoberta, apercebe-se de si e do que o envolve: conceptualiza a descoberta feita pela intuição.

No livro *O Mito do Eterno Retorno*, Mircea Eliade explicita-nos a necessidade que o ser humano arcaico tinha de fazer a ligação com o Cosmos, de se ligar ao sagrado suspendendo o tempo cronológico através do Lugar. Essa suspensão acontecia quando, por exemplo, construía - esse acto de edificar algo - religava-o ao arquétipo original da criação do Cosmos. O rito de construção era a possibilidade de “restaurar o instante inicial”¹⁷, através da imitação

17 ELIADE, Mircea, *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70, 2000, p.91.

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

do divino “surge uma “nova era” com a construção de cada casa”¹⁸. Por sentir “a necessidade de reproduzir a Cosmogonia nas suas construções, fossem elas de que espécie fossem, que esta reprodução o tornava contemporâneo no momento mítico do princípio do Mundo e que ele sentia a necessidade de regressar, tão frequentemente quanto possível, a esse momento mítico, para se regenerar”¹⁹. Por não ter participado na criação inicial do Mundo, por ter sido apenas criado e não ser o criador, necessita de se tornar real na participação imitativa do arquétipo cósmico, anulando-se²⁰.

Por o ser humano arcaico ser parte integrante e activa da Natureza e não um mero observador, este vê-a como arquétipo Cosmológico. A caverna, por exemplo, simbolizava o útero materno da própria Natureza, que através dos ritos espaciais a tornam real, ou seja, passa a conter ordem, significado. O espaço transforma-se em lugar passando a ter valor existencial, “qualquer território ocupado com vista à fixação ou à sua utilização como “espaço vital», é previamente transformado de “caos” em “Cosmos»; isto é, por um ritual (...) que o torna real”, este real - que dá forma à vontade de transformar o caos em Cosmos - é o próprio sagrado, porque “só o sagrado o é de uma maneira absoluta, age eficazmente, cria e faz durar as coisas”²¹.

A sacralização do lugar, por via do Homem, transforma-o no Centro, estabelecendo o diálogo entre o “Céu” e a “Terra», entre as energias superiores e inferiores, como refere Armando Rabaça, a

18 dem, *Ibidem*.

19 *Op.Cit.*, pp. 91-92.

20 “ (...) só se reconhece como real na medida em que deixa de ser ele próprio (para um observador moderno) e se contenta em imitar e repetir os gestos de um outro (...) só se reconhece como real, isto é, como “verdadeiramente ele próprio», na medida em que deixa precisamente de o ser.”, *Op. cit.*, p.49.

21 *Op.Cit.*, pp. 25-26.

Montanha Mágica torna-se Centro através da sua sacralização, adquirindo realidade ontológica, associando-a à criação do Mundo.

Para Mircea Eliade “o “Centro” é pois a zona do sagrado por excelência, da realidade absoluta” que transforma o tempo cronológico em tempo mítico, dando-se a suspensão temporária no próprio acto de edificação, porque “ao construir o templo, não se construía apenas o Mundo, construía-se também o Tempo Cósmico”.

Para o ser humano arcaico o rito de construção não passava apenas pelo conforto vital, mas pela sua ligação à Grande Alma do Cosmos. “Não é assim de estranhar que a mais elementar construção sagrada consista na marcação de um ponto na paisagem: erguer um menir em direcção ao Céu é construir uma montanha sagrada (...)”²² que através de “revolver” a Natureza, com a artificialidade do seu acto, mantinha-se em contacto com o Espírito do Lugar, mais tarde denominado como *Genius Loci* pelos Romanos.

A arquitectura é neste sentido, a conceptualização da ligação que o ser humano arcaico tinha com o lugar, passa do campo da vivência sensitiva para a racionalização do acto da criação construtiva, a arquitectura dá corpo à relação intuitiva com a Natureza. A interacção com o lugar passa a ser intelectualizada, como podemos ver nos escritos do arquitecto Vitrúvio, o centro Cosmológico arcaico transfere-se para o umbigo do Homem, este passa a ser a medida. Não é, por acaso, que na Grécia antiga, nomeadamente em Platão, para denominarem arquitectura não usavam o termo *ἀρχιτεκτονία*, como vimos explicitado acima, mas antes *oikodomē* que tem na sua concepção simbólica uma relação ontológica com o lugar de pertença onde o acto de edificar tem lugar.

22 RABAÇA, Armando, *Entre o Corpo e a Paisagem: Arquitectura e lugar antes do genius loci*, Coimbra, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011, pp.35-36.

Nos pré-socráticos, segundo Maurício Puls²³, por exemplo, a arquitectura era entendida como a estruturação do Cosmos, e não estava relacionada de forma directa com o objecto arquitectónico, na medida em que este teve um papel pouco importante nas suas concepções do mundo. De uma forma geral, estes tentavam explicitar a relação entre o mundo e o Cosmos, onde o ser humano e objecto formavam uma totalidade uma sem separações conceptuais.

Na filosofia pré-socrática²⁴ a ideia de arquitectura passa por entendê-la não de uma forma objectivada, mas por se fazer uma analogia com a própria estruturação do Cosmos. A partir deste, dá-se o mundo sensível através da sua representação nos artefactos, onde a noção de Beleza provém da relação arquetípica que o ser humano tem com o Cosmos. Espelhando desta forma a Beleza do Cosmos no mundo sensível através da ordem, harmonia e solidez. É com Xenófanés que, aos poucos, ser humano e objecto se clarificam, tornando-se distintos e autónomos, em que o tema da arquitectura começa a ser abordado, quase que poderemos dizer que numa espécie de relação *pré-vitruviana*.

Vejamos, por exemplo, como Xenófanés descreve como deve ser a nossa relação com a casa: “Agora o chão da casa está limpo, as mãos de todos e as taças; um cinge as cabeças com guirlandas de flores, outro oferece odorante mirra numa salva; plena de alegria, ergue-se uma cratera, à mão está outro vinho, que promete jamais falar, vinho doce, nas jarras cheirando a flor; pelo meio perpassa sagrado aroma de incenso, fresca é a água, agradável e pura; ao lado estão pães tostados e suntuosa mesa carregada de queijo e espesso mel; no centro está um altar todo recoberto de

23 PULS, Mauricio, *Arquitectura e Filosofia*, São Paulo, Annablume, 2009, pp.51-79.

24 Idem, *Ibidem*.

flores, canto e graça envolvem a casa.” (Fr.1) e “ Ramos de pinho circundam a casa firme”(Fr.17).

A Arquitectura, na sua pré-concepção, nasce da necessidade, como afirma Demócrito, quando defende que o que fez com que se criasse arquitectura foi a necessidade e que, por este motivo, as suas criações não estão no plano do supérfluo mas antes no plano vital para o Homem. Por a arquitectura imitar o modelo da natureza, este facto confere-lhe uma importância ontológica e superior às outras artes, como a música, pintura, etc., porque para além de satisfazer a necessidade que o ser humano tem de habitar a terra, confere-lhe também a relação ontológica e metafísica com o modelo primordial do Cosmos, replicando-o no mundo sensível, religando o ser humano ao universo.

Para Mircea Eliade a ontologia arcaica tem uma estrutura platónica, este considera Platão como “(...) o filósofo por excelência da “mentalidade primitiva», isto é, como o pensador que conseguiu valorizar filosoficamente os modos de existência e de comportamento da humanidade arcaica.”²⁵ Se analisarmos os textos de Platão com as referências ao ser humano arcaico percebemos a sua relação com o arquétipo original da criação e da transformação do Caos em Cosmos, da necessidade de entender o que o circunda, como nos diz - citado por Maurício Puls ²⁶- no *Protágoras*: “o homem participava da herança divina e, devido ao parentesco com os deuses, foi o único dos animais a acreditar neles. Assim, começou a construir altares e imagens suas. Depois, rapidamente dominou a arte dos sons e das palavras e descobriu a casa, vestuário, calçado, abrigos e os alimentos vindos da terra” (321d-322a).

25 ELIADE, Mircea, *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70, 2000, p.49.

26 PULS, Maurício, *Arquitectura e Filosofia*, São Paulo, Annablume, 2009, p. 91.

Capítulo 9

Cidade como chõra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

A casa passa a ser arquitectura quando se manifesta como realização ontológica, onde o ser humano encontra o seu sentido: sente-se, intui-se a intenção de quem a pensou. Esta é o refúgio primordial que tem a sua origem na intuição. Não tem de ser explicada para que seja apreendida pelos sentidos – quando tal acontece, estamos perante a má arquitectura, a que não se intui, que não flui dessa potência geradora primordial (a *arché* ou *oikos* da arquitectura) através da qual a existência do ser humano faz sentido. É ali que tomamos consciência do que somos no mundo, de sermos corpo que a percorre [à arquitectura], existindo-a na relação de consciencialização de sermos no mundo.

O que tentamos entender não é o que é a arquitectura, mas antes como ela se manifesta no homem, para que depois se materialize pelo desenho ou na construção tridimensional. Ora, a intuição da arquitectura acontece quando somos remetidos para a sensação espacial e não para uma mera recordação visual; ou seja, por detrás dessa sensação espacial está o activar daquilo que primordialmente nos leva à consciencialização do espaço arquitectónico. Ou como nos dirá Juhani Pallasma, “de igual maneira, a arquitectura tem origens próprias e, se ela se afasta demais dessas origens, perde a sua eficácia. (...) significa redescobrir a sua essência mais profunda [*grund*]”²⁷.

A arquitectura ao passar para o mundo, ao materializar-se, deixa de ser pura porque passa a ter influências externas, a jogar no campo do objecto: só é pura na ideia, no pensamento, e sobretudo na intuição. Quando é sujeita à apreciação estética a sua pureza transforma-se num mero objecto contemplativo e explicativo.

27 PALLASMA, Juhani, “A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitectura”, in *Uma nova agenda para a arquitectura*, Kate Nesbitt (org.), São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 482.

O ser humano traz consigo, na intuição, a arquitectura, e por isso, a arquitectura situa-se no campo do “pré-conceito”, manifesta-se antes de qualquer conceptualização, está no ser humano: ela é o *Ser*, ambos uma única coisa. A arquitectura é ser-se na realização ontológica, faz-se através de vínculos e de relações de afeição, não é uma mera massa intervencionada pelo Homem, mas tem uma (determinada) realidade própria, que através da identificação dá sentido e vida ao espaço que se torna habitado. Em suma, pensar a arquitectura é pensar o ser humano e a sua relação com a Natureza; é universalizar a relação subjectiva do lugar através da carga simbólica que este lhe desperta.

No livro *Uma pequena História do Mito*, Karen Armstrong diz-nos que “o mito lida com o desconhecido: com aquilo que não tínhamos palavras, inicialmente”²⁸, lida com o que não conseguimos nomear, servindo-nos das palavras de Samuel Beckett, com o *Inominável*. Mas essa não-nomeação por ser desconhecida pelos nossos mecanismos racionais, transforma-se em comunicação para que assim o ser humano possa entender e dar forma ao *Inominável*. Esse serve-se do mito para compreender a realidade que o circunda e o faz ser.

Entendemos o mito como o suporte material da compreensão do ser humano em relação aos fenómenos que surgem, para que assim possa participar no processo Cosmogónico da criação do mundo, fazendo a ligação com o Cosmos, suspendendo o tempo cronológico. Essa suspensão acontecia quando, por exemplo, construía - esse acto de edificar algo - religando-o ao arquétipo original da criação do Cosmos.

Por isso a *casa* é o abrigo primordial. Ela é o espaço onde nos sentimos seguros, onde as nossas lembranças e vivências estão

28 AMSTRONG, Karen, *Uma pequena História do Mito*, Lisboa, Editorial Teorema, 2006, p.9.

guardadas. Pensá-la não se trata apenas de descrevê-la²⁹, mas de sublimar o espaço, de o sacralizar para que deste modo cheguemos à “*função original de habitar*”³⁰ através da *Casa nata*³¹, que é a primeira referência que o ser humano tem de uma *casa*, levando-a consigo na memória e tentando reproduzi-la das mais diversas formas.

A função de habitar e de sentir a *casa* é tão intrínseca à vivência do ser humano, que criamos uma dependência de pertença a um determinado lugar sem nos apercebermos da sua (des)sacralização, vemo-la como um local sagrado que mesmo na morte tentamos levar, materializando-a, por exemplo, na nossa última morada.

Segundo Heidegger³² o *habitat/casa* não deve ser só pensado como algo estandardizado mas, como uma interacção do lugar com a casa, com quem a habita, formando deste modo uma comunidade, passando da identidade individual para a identidade social, ou seja, o *habitat/casa deve ser* pensado como uma correlação entre o sagrado e o profano. Poderemos entender melhor essa correlação através de um diálogo que o discípulo tem com o seu mestre Zen:

“Qual é a verdadeira natureza do Buda?

- O cipreste no pátio.”³³ responde o mestre, sugerindo a união en-

29 “Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.”, BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 2005, p.62.

30 *Op. cit.*, p.37.

31 *Op. cit.*, p.3.

32 HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar*, Conferencias y Artículos, Barcelona, Serbal, 1994.

33 AA.VV., *Os melhores contos Zen*, Lisboa, Editorial Teorema, 2002, p.83.

tre o visível e invisível “o quotidiano humilde e a realidade final, o relativo e o absoluto. O “cipreste no pátio”, a flor à nossa frente, a pedra sob os nossos passos são os caminhos que levam para além do além do mais além.”³⁴

O acto de colocar o cipreste no pátio redimensiona-o, passamos do profano para uma sacralização do espaço que adquire uma dimensão através de um acto Humano revelador da transcendência do *Ser*.

Habitar o mundo é actuar no mundo, transformá-lo em lugar de pertença ontológica, diz-nos Norberg-Schulz no seu texto sobre *O fenómeno do lugar*³⁵ que é na possibilidade que o ser humano tem de habitar o mundo, que o mundo se torna o seu interior realizando a ligação heideggeriana entre o “céu” e a “terra”; entre o vertical e o horizontal; entre o sagrado e profano. E é na transcendência do espaço geométrico que o poeta José Luís Puerto se liga ao exterior a partir do interior de uma casa metafórica:

“Desocupou a sua casa.
De todo o acessório, do inútil,
Para entender os seus limites.
E sentiu a partir de dentro
O interior vazio.
Procurava desvelar
O oculto em sua casa,
Sentir a transparência do lugar,
Chegar às entranhas Secretas. à matriz,
Aos fluxos onde a semente

34 Idem, *Ibidem*.

35 Norberg-Schulz, Christian, “O fenómeno do lugar” in *Uma nova agenda para a arquitectura*, Kate Nesbitt (org.), São Paulo, Cosac Naify, 2008, pp.443-461.

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

Gera os corais da vida.
Desocupou a sua casa,
O ar tornou-se respirável,
Fez-se lugar, morada
Para o recolhimento.”³⁶

É essa relação poética, que faz com que o lugar se materialize em nós – “a arquitectura pertence à poesia, e o seu propósito é ajudar o homem a habitar”³⁷ - que o arquitecto Peter Zumthor pretende materializar na sua arquitectura, criando lugares de pertença Cosmo-ontológicos, pensando os seus edifícios como “corpos e de construí-lo assim: como anatomia e pele, como massa, membrana, como matéria ou invólucro, tecido, veludo, seda e aço brilhante. (...) Dou importância à temperatura do espaço, à frescura e às gradações do calor que agraciam o corpo. Penso nos objectos pessoais que, em certos espaços, as pessoas juntam à sua volta para trabalhar, para se sentirem em casa (...) arquitectura como arte do espaço e do tempo, entre serenidade e sedução”³⁸, comunicando através de formas concretas a sua sensibilidade a um outro, corporalizando-a através do movimento, reforçando a ideia de Norberg-Schulz de que Arquitectura é poesia.

O ser habita essa pertença quando materializa a sensibilidade abstracta e a transforma em algo concreto capaz de ser comunicado e apreendido. Segundo a análise que Heidegger faz da palavra alemã *bauen*: “então, o que significa *ich bin* (eu sou)? A antiga palavra *bauen*, com a qual tem a ver *bin*, responde: *ich bin, du bist*

36 PUERTO, José Luís, *Protecção das sílabas*, Editora Licorne, p. 101.

37 NORBERG-SCHULZ, Christian, “O fenómeno do lugar” in *Uma nova agenda para a arquitectura*, Kate Nesbitt (org.), São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 459.

38 ZUMTHOR, Petter, *Pensar a Arquitectura*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2009, pg.86.

quer dizer: eu habito, tu habitas. O modo como tu és e eu sou, a maneira pela qual nós, os seres humanos, somos na terra é baun, o habitar.”³⁹ Ou, dito de outra forma, “o homem habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas.”⁴⁰, quando consegue dar forma ao eu contendo e sou contido, à necessidade que o ser humano, tanto o arcaico como o moderno, tem em se re-ligar através do Lugar.

Se o paradigma mítico era a consciência de que o ser humano só pertencia ao Mundo pela e na existência do Cosmos/Divino, fazendo a sua ligação através do rito de construção. Na modernidade esse paradigma altera-se, como defenderá Feuerbach⁴¹, Deus é uma construção do Homem, só existe no pensamento e não fora dele, não tem realidade material, sustenta-se nele para compreender a sua mortalidade.

Esse paradigma moderno aliado ao diagnóstico da falência da crença no religioso que Nietzsche faz, proclamando a morte de Deus, faz com que o modernismo perca a âncora que o mantinha ligado ao Cosmos, passando este a fazer a ligação consigo mesmo.

O arquitecto⁴², foi perdendo o seu enraizamento, para se tornar assim o *Cosmocrata*⁴³, já não é o mediador entre o Caos e o Cosmos, mas entre caos industrial e o Homem, para isso, por exemplo,

39 NORBERG-SCHULZ, Christian, “O fenómeno do lugar” in *Uma nova agenda para a arquitectura*, Kate Nesbitt (org.), São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 458.

40 Idem, *Ibidem*.

41 FEUERBACH, Ludwig, *Filosofia da Sensibilidade, escritos (1839-1846)*, Adriana Veríssimo Serrão (trad. e org.), Lisboa, CFUL, 2005.

42 Entendido aqui no sentido actual do conceito, aquele que projecta e pensa o espaço topológico aristotélico.

43 ELIADE, Mircea, *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70, 2000, p.25.

Capítulo 9

Le Corbusier cria o Modulor⁴⁴, o “Cosmos” do seu universo arquitectural. O *Cosmocrata* torna-se o próprio mito legitimando-se perante o inconsciente colectivo, substituindo o Cosmos.

A arquitectura, como vimos no capítulo anterior, nasce de uma necessidade vital e ontológica, a necessidade de abrigar-se. As artes, segundo Platão, carecem desta necessidade levando o ser humano ao engano através da produção de meras imagens miméticas que copiam o modelo eterno, afastando-se do Ser e da Verdade – proliferando a *doxa*; “– Por conseguinte, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma apreciação. Por exemplo, dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe a com semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro.” (*Rep.* 598c)

Esta está num outro plano de entendimento, não se encontra no plano da *doxa*, não copia o modelo do modelo eterno, mas antes, cria o paradigma através da reprodução do modelo eterno, não estando no campo da representação mimética do mundo sensível, mas representando o inteligível no mundo sensível, o modelo da arquitectura é o seu mesmo.

Geralmente quando se fala da filosofia de Platão, no âmbito da arte e da arquitectura, associa-se frequentemente a uma teoria estética do Belo, vendo-o ancorado na representação do objecto, no plano do mundo sensível. Dado que, para Platão, a arquitectura não está no mesmo campo conceptual do que a Arte, a forma de

⁴⁴ Um sistema de proporções universais baseadas nas dimensões do Homem e nas leis da geometria sagrada, publicado em livro na década de 40.

olharmos para a sua filosofia não poderá ser a mesma. O filósofo não entende a arquitectura como sendo uma mera correspondência mimética com o mundo sensível como é o caso da Arte, nomeadamente a Pintura. Apesar de ambas as áreas nos parecerem similares, são, como veremos, bastante distintas entre si. Dada esta constatação, pretendemos demonstrar a importância fulcral do pensamento de Platão para uma teoria e filosofia da Arquitectura, defendendo que este poderia ser incluído como antecessor de Vitruvius, na conceptualização da arquitectura.

Partindo da ideia de que para Platão a Arquitectura é uma das disciplinas indispensáveis da vida humana, que este classifica (*Filebo* 56b-c) como sendo uma ciência pura, onde através de critérios matemáticos e outros como: pesar, medir, contar, é conferida a possibilidade de materializar construções que antes não existiam.

Partindo da premissa de que a arquitectura seria, e é, uma actividade geradora [da passagem] da potência ao acto, que materializa a sua *technē* através da sua verdade inteligível, teremos que começar a entender como se dão as coisas à razão, ou como chegamos a elas. Platão na *Alegoria da Caverna* (*Rep.* VII) explicita essa passagem que começa por ser ilusória, o prisioneiro acredita que as sombras que vê na parede da caverna são a realidade, bidimensional - a realidade tridimensional, numa primeira abordagem, não existe como coisa palpável - esta relação remete-nos para o livro *Flatland* de Edwin A. Abbot em que várias figuras geométricas bidimensionais tomam corpo como se fossem pessoas a viver num mundo sem tridimensionalidade.

Depois, o prisioneiro sai da caverna e depara-se com um mundo tridimensional, como uma outra realidade, sensitiva e palpável descobrindo as ilusões criadas pelas sombras. Ora o arquitecto no seu processo criativo frequentemente faz este percurso, começa com

uma ideia vaga, uma sombra da sua intenção e durante o seu processo de conceptualização, de desenho e construção vai percebendo a realidade do seu ímpeto, que se realiza através de uma linguagem geométrica, que o remete para a relação primordial da arquitectura.

Vejamos, por exemplo, o diálogo *Ménon* onde Sócrates pede ao escravo que (re)descubra as figuras geométricas por si, decompondo matematicamente a realidade sensível, acedendo assim ao inteligível, em que essas figuras lembram à alma a sua visualização do inteligível. Ou seja, a *technē* – da arquitectura – deveria materializar o inteligível através de uma linguagem geométrica indo ao encontro do Belo, onde este se identificaria com o Bem, através da sua estabilidade, solidez e beleza que deveria reproduzir o modelo das ideias eternas, tal como Vitruvius explana no *De Architectura*, como: *utilitas* (utilidade), *venustas* (beleza) e *firmitas* (solidez). Mas a diferença entre os dois é que, para Platão a ideia de utilidade centra-se numa relação ético-estética, enquanto que para Vitruvius a utilidade é meramente funcional, não tem significado ontológico, como se de uma máquina se tratasse.

A utilidade advém da habilidade para concretizar os lugares que habitamos, sendo através desta que a arquitectura se aproxima do paradigma inteligível da criação⁴⁵, em que o Bem e o Belo estão correlacionados, “(...) ao que é útil chamamos Belo” (*Hípias Maior 295d*). O arquitecto necessita de dominar tanto o saber teórico como o saber prático (*Político e Filebo*), para desta forma

45 “Para existir e ser cognoscível, a natureza, qualquer que seja a forma em que é entendida, tem de possuir estabilidade. Esta é dada exclusivamente pelo facto de que as coisas deste mundo são imagens das Ideias eternas e estáveis, a partir de Entidades matemáticas que permitem uma notável matematização da ciência humana. Isto é evidente no *Filebo* 55d sgs., onde Platão classifica as técnicas: existem aquelas menos puras que têm pouca ciência e são caracterizadas por conjecturas e práticas empíricas; as demais têm mais ciência, são conformes a critérios matemáticos e outros referidos à mensuração: contar, medir, pesar (...) entre as técnicas melhores Platão cita a das construções (...)” MIGLIORI, Maurizio, “A visão da Natureza em Platão” in *Filosofia e Arquitectura da Paisagem – Um manual*, Adriana Veríssimo Serrão (org.), Lisboa, CFUL, 2012, p.17

realizar as coisas úteis à comunidade, trazendo ao mundo algo que à partida não existia, afastando-se assim das artes miméticas. Desta forma na arquitectura o ético e estético têm de andar juntos, “nem o Bom seria Belo, nem o Belo seria Bom, se cada um deles fosse distante do outro” (*Hípias Maior* 303-304a).

Em *Cármides* (165d) diz-nos o que realiza a arquitectura:

“Se a propósito da arquitectura, me perguntares que obra realiza ela, enquanto ciência da construção, responder-te-ia que os lugares onde habitamos.”⁴⁶

Ou na tradução de Agostinho da Silva:

“E [[se]] me perguntares <que obra realiza> a construção, que é a ciência de construir, responderia eu que as casas; e assim as outras artes.”⁴⁷

Deparamo-nos com uma ambiguidade nas diversas traduções, pela própria polissemia da palavra, pois em grego o parágrafo é:

“ καὶ εἰ τοίνυν με ἔροιο τὴν οἰκοδομικὴν, ἐπιστήμην οὖσαν τοῦ οἰκοδομεῖν, τί φημι ἔργον ἀπεργάζεσθαι, εἵποισι ἄν ὅτι οἰκῆσεις: ὡσαύτως δὲ καὶ τῶν ἄλλων τεχνῶν. χρὴ οὖν καὶ σὲ ὑπὲρ τῆς σωφροσύνης, ἐπειδὴ φῆς αὐτὴν ἑαυτοῦ ἐπιστήμην εἶναι, ἔχειν εἰπεῖν ἐρωτηθέντα, ὧ Κριτία, σωφροσύνη, ”⁴⁸

46 PLATÃO, *Cármides*, tradução Francisco de Oliveira, Coimbra, INIC, 1988.

47 In <http://pt.calameo.com/read/00003971121cc37bc9209>. Visitado a 27-08-2014

48 Perseus. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0175%3A-text%3DCharm.%3Asection%3D165d>

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da arquitectura
Maribel Mendes Sobreira

Geralmente é traduzida para o português como acima referimos e para o inglês, francês e espanhol por:

“And so, if you should ask me what result I take to be produced by building, as the builder’s science, I should say houses; and it would be the same with the other arts. Now it is for you, in your turn, to find an answer to a question regarding temperance—since you say it is a science of self, Critias—and to tell me what excellent result it produces for us,”⁴⁹

“ - Si tu me demandais, à propôs de l’architecture, quelle ouvre ele réalise en tant que science de la construction, je te répondrais: nos habitacions. Et ainsi de suite pour les autres arts.”⁵⁰

“ -Y si, además, me preguntases por la arquitectura, que es algo así como saber edificar, y qué efecto es el que tiene, te diría que su efecto son los edificios. Y así, de las otras técnicas. En consecuencia, para la sensatez, en cuanto que es, según tú, una cierta ciencia o saber de uno mismo,”⁵¹

Como vemos nos excertos acima citados, a palavra *οἰκοδομικήν* foi traduzida por: arquitetura/ habilidade para edificar; *οἰκοδομέω* por edificar, construir; *οἴκησις* o acto de habitar, residência (*dwelling*), casa, lugar; nesta frase começamos a constatar que a Ar-

49 In: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0176%3Atext%3DCharm.%3Asection%3D165d>

50 Platão, *Hippias majeur. Charmide. Lachès. Lysis. Oeuvres complètes de Platon*, tomo II, Alfred Croiset (trad.), Paris, Belles Lettres, 1972, pp. 164e, 165d.

51 In http://www.edu.mec.gub.uy/biblioteca_digital/libros/P/Platon%20-%20Carmide.pdf. Visitado a 28-08 -2014.

quitectura está habilitada a realizar os lugares e edifícios que habitamos, ou seja, a transformá-los em lar. Não é apenas uma ciência da construção de objectos inertes, mas confere aos lugares um acervo ontológico e simbólico, ligando a alma ao mundo inteligível através do sensível, dando-lhe identidade e ancoramento no habitar.

ESPAÇO DA CRIAÇÃO

No diálogo *Timeu*, a personagem Timeu começa por fazer a distinção entre *ousia* e *genesis*, ou seja, entre o que *é ser* e o que *virá a ser* (dever). Num segundo plano temos a distinção entre o que é apreendido pelo pensamento e a ideia que vem de uma mera opinião (*doxa*) do mundo sensível (28a); existe ainda uma terceira distinção entre o que vem a ser, por ser modelado num modelo eterno e o que vem a ser através da modelação da cópia do modelo eterno.

A *chōra* (receptáculo, como comumente é conhecida) é um espaço – não topológico – que transforma através do movimento os corpos que por lá passam, realizando a sua potência colocando-os nos seus respectivos lugares. A *chōra* é uma abstracção do lugar, que transforma a potência das coisas em coisas em si e as coloca nos seus devidos lugares. Esta, através de uma linguagem matemática, faz a passagem do pré-cosmos para o Cosmos, da não-criação para a criação do Cosmos, tal como, por exemplo, o ser humano primitivo que remexe a terra para a sacralizar, através do acto de passar do pré-cosmos para a representação do Cosmos no plano sensível.

As linguagens matemáticas e geométricas, diz-nos Francis M. Cornford⁵², são atemporais e invariáveis, ao contrário dos objectos do mundo sensível, que são temporais e estão em constante mu-

52 CORNFORD, Francis M., *Plato's Cosmology – The Timaeus of Plato*, Indianapolis/Cambridge, Hackett Publishing Company, 1997 (1937).

dança, desta forma uma das linguagens do *Demiurgo* que nos mostra o modelo eterno é a matemática, pois esta revela a verdade do Cosmos. A *chōra* tendo em si características do mundo sensível e inteligível, estrutura e organiza o mundo com a cumplicidade do Demiurgo.

A leitura do diálogo *Timeu*, foi acompanhada pelos estudos de Francis M. Cornford (1937;1997); Luc Brisson (1995;2011) e T.K. Johansen (2004). A linha de pensamento que seguiremos para entender o que é o Demiurgo e qual a importância que este tem no processo da criação, será a análise que Johansen e Brisson fazem deste conceito, que do nosso entender podem ser complementares. Para o primeiro, o *Demiurgo* pode ser entendido como praticante da *technē*, por este praticar a *dēmiourgia*⁵³, de conseguir dar forma ao conteúdo e, para o segundo, o *Demiurgo* é o intelecto que transforma o inteligível numa linguagem compreensível no mundo sensível.

A ideia de *technē*, para se materializar, pressupõe um intelecto e o intelecto para se materializar, através da *chōra*, necessita de *technē*. Esta vai trabalhar com o intelecto no plano do inteligível dando-lhe forma e espessura, pensemos no exemplo de um músico que dá vida ao que está escrito na pauta. O Demiurgo daria vida às formulações matemáticas – para nós estas não são apreensíveis pelos sentidos –, que a música tem em si mas que não são visíveis no mundo sensível, têm a sua correspondência no mundo inteligível, existe no processo do intelecto.

Este processo, como vimos, centra-se no campo das abstrações que poderão ser materializadas, através da *technē*, no mundo sensível, sem nos darmos conta de que lá estão, de certa maneira estão e não estão ao mesmo tempo. O Demiurgo, produz o intelecto através

53 JOHANSEN, T.K., *Plato's Natural Philosophy – A Study of the Timaeus-Critias*, Cambridge University Press, 2004, p.83.

das construções de relações abstractas da realidade, de uma linguagem abstracta, pura, ou seja, o Demiurgo através da *technē*, molda o intelecto e dá a conhecer a linguagem do inteligível – do modelo eterno – que depois servirá de cópia ao mundo sensível, ao artesão, ao pintor, por exemplo. Dá luz a algo que é inatingível, transpondo-o para uma linguagem compreensível, que apenas acontece devido ao facto de o próprio Demiurgo ser intelecto e *technē* ao mesmo tempo. É um artesão, no sentido em que utiliza a *technē* com o intelecto, esta não é uma técnica puramente mecanizada tal como, por exemplo, o trabalho do arquitecto, que junta o saber teórico com o prático, coordenando esses dois saberes.

O modelo eterno que o Demiurgo tem como referência é estável e imutável, como vimos - é atemporal e invariável, não muda de forma – para que através dele possa explicar no mundo sensível a Beleza e consequentemente o *Bem*, o que não acontece com os objectos que são gerados da cópia. (T. 28a, b, 29a).

Através de uma análise matemática e da medição geométrica dos sólidos, Timeu explica-nos como se dá a formação do mundo sensível, apoiando-se na relação que os quatro elementos (terra, ar, água e fogo) podem ter com as figuras geométricas (T. 55b-56a). Começa por uma dedução matemática de figuras planas que, compostas entre si, no plano bidimensional originam uma geometria tridimensional, dando assim forma a essas figuras de representação abstracta. Desta forma, explicita-nos que o mundo e os corpos são criados através de pressupostos geométricos e matemáticos, estáveis, estruturados e proporcionais entre si, espelhando a beleza no mundo e com isso tornando-o *Bom*.

As regras dessa transformação baseiam-se em que:

“Os sólidos regulares reflectem a sua composição geométrica (56c6-57b7). Um corpo de água (...) pode transformar-se em cinco corpos de fogo (tetrahedra) porque um corpo de água contém vinte triângulos equiláteros e um corpo de fogo quatro triângulos equiláteros (...) Apenas os corpos Terrestres não se transformarão em nenhum dos outros tipos de corpos, dado que estes são compostos de um diferente triângulo, o triângulo isósceles.”⁵⁴

Esta alteração de estados acontece através do movimento da *chōra*, que lhes dá corpo, expelindo-as para fora dela, colocando-os nos seus devidos lugares adequados à sua nova natureza.

A *chōra*, na sua constituição evidencia características do inteligível e do sensível, não se deixando contaminar por estas. De uma forma metafórica representa o ponto intermédio, ou seja, faz a ligação entre o arquétipo e os particulares, o lugar em que se dá o processo de participação e transmutação das duas partes. Podemos considerá-la como um híbrido, um lugar que existe sem realidade corpórea mas que também não é só um lugar abstracto.

Poderemos vê-la como um terceiro que faz a ligação entre as partes ou numa linguagem arquitectónica poderá ser traduzida por *espacialidade*, algo que tem as condições em si para originar espaço sem que este se transforme, ou seja, sem que essa espacialidade adquira características do que vai originar.

Arriscamo-nos a afirmar que a *chōra* pode ser entendida como o lugar onde os elementos (inteligível) dão forma aos corpos (sen-

54 “the regular solids reflec their geometrical composition (56c6-57b7). One body of water (icosahedron) may transform into five bodies of fire (tetrahedra) because one body of water contains twenty equilateral triangles and one body of fire four equilateral triangle. (...) Only the bodies of Earth will not transform into any of the others kinds of body since they are composed of a diferente triangle, the isósceles triangle”, JOHANSEN, T.K., *Plato's Natural Philosophy – A Study of the Timaeus-Critias*, Cambridge University Press, 2004, p.125.

sível) mas nunca fica contaminada com as características de ambos. Neste sentido, o papel do Demiurgo é de introduzir uma ordem matemática na *chōra*, para dar medida, proporção e ordem aos elementos aí introduzidos (T. 52d-53c).

Segundo a análise hegeliana que Payot faz da Architectura, esta parte de um pressuposto simbólico da representação de um modelo cósmico “o templo representa o mundo, mas o mundo, inversamente, é construído como um templo.”⁵⁵, onde desta forma a arquitetura começaria a funcionar como metáfora que sustenta o mundo, ou seja, a “Arquitectura “realiza os corpos»”⁵⁶. A Architectura é sempre uma ideia de arquitetura, o objecto construído é sempre uma ideia de Architectura, e não Architectura em si e por si.

De uma forma geral, parece-nos óbvio por que razão a Filosofia se tenha interessado pela Architectura de uma forma directa ou muitas vezes de uma forma indirecta no seu sistema discursivo. A ideia mais comum da análise filosófica da Architectura centra-se nos temas ligados a uma relação estética objectual, como se de um objecto de arte se tratasse, dado que a filosofia da arte também se interessa pelos temas mais objectuais da arquitetura.

Em contraposição, encontram-se aqueles que tentam centrar-se na ideia de Architectura como elemento metafórico da linguagem e também como algo que não se materializa no mundo sensível, para antes se tornar verdade no mundo inteligível. A investigação filológica e etimológica é unânime em situar o conceito Architectura no grego mas, como vimos, ao lermos os textos de Platão, e confrontando as várias traduções, quando se refere à

55 “Le temple re-présente le monde; mais le monde, inversement, est bâti comme un temple”, PAYOT, Daniel, *Le Philosophe et L'Architecte: Sur quelques déterminations philosophiques de l'idée d'architecture*, Editions Aubier Montaigne, Paris, 1982, p.68.

56 “ L'architecture “réalise des corps»”, *Idem, Op.Cit.*, p.91.

Capítulo 9

arquitectura utiliza a palavra/conceito *οἰκοδομή* (*oikodomē* - lar) e não *ἀρχιτεκτονίας* (*árkitektónías*), sendo esta a que passou para o latim, como foi referido no primeiro capítulo desta tese, a Arquitectura deste modo centra-se na dicotomia de um entendimento entre uma Arquitectura real e uma Arquitectura representacional.

Como vimos a Arquitectura, por não ser meramente uma ciência da construção, confere aos lugares um acervo ontológico, através do entendimento da relação entre a *αρχή* (*arché*) e o *οἰκοδομή* (*oikodomē*). A arquitectura representacional é um desvio dessa relação autêntica com a natureza da qual o *oikodomē* é o fundo original, neste sentido é essencial um entendimento da *arché* do *tekton*, um entendimento arquétipo, para uma construção ontológica do *oikodomē*.

Compreender a profunda conjugação entre a *arché* e o *oikodomē*, é compreender que o lar do ser humano é a sua origem e também, no sentido inverso, que a sua origem é o seu lar. A consciencialização deste vínculo, levar-nos-ia a uma religação mais íntima, profunda e frutífera com a Natureza, a solução seria a de resgatar (*re-ligare*) a ideia de *oikodomē* (por *oikodomē* entendemos sempre o lar no seu sentido originário) trazendo-a para a Arquitectura.

Desta forma, a ideia de Nietzsche de que já não somos contemporâneos da arquitectura, é um testemunho actual da nossa relação distanciada com a ideia de Arquitectura. Esta deixou de ser contemporânea de si própria para passar a ser contemporânea das exigências antropocêntricas em relação à cultura e da transformação desmesurada da paisagem.

Na medida em que o ser humano actual entende a paisagem como sendo destituída do seu elemento natural, pode-se dizer que essencialmente não entende a paisagem, que outrora era reconhecida como fundamental para a compreensão da própria arquitectura. De tal maneira já se perdeu a ideia de paisagem natural, que

se torna necessário resgatar uma ideia de totalidade, como a *φύσις* (phýsis) para os gregos. Se nos centrarmos apenas numa ideia de paisagem urbana, não compreendemos que a arquitectura e consequentemente a cidade perderam a sua metade.

Se regressarmos a Platão, este permite-nos pensar melhor a ligação da Arquitectura com a Paisagem. Apesar de, a paisagem, ser um conceito que surgiu na modernidade, se recuperarmos a ideia da *φύσις* (phýsis) grega – entendida no seu sentido mais lato: natureza – estando intrinsecamente na dimensão física mais primitiva do ser humano, que é dada na materialização da *αρχή* (archê) através da inter-relação com o seu meio natural, ou seja, essa relação primitiva com a *φύσις* (phýsis) é despertada quando o ser humano dá forma às coisas. Como é o caso da necessidade, explicitada por Mircea Eliade, de o ser humano encontrar as raízes arcaicas do rito de construção para assim entender a sua relação simbólica com a paisagem.

Com o desenvolvimento das sociedades e consequentemente com o crescimento do objecto arquitectónico, essa relação foi afastando-o cada vez mais do propósito com o seu meio evolvente, o aceleramento do tempo e dispersão do espaço, levou o ser humano a dar maior importância à técnica, levou-o a ter uma relação virtual com a envolvente, através de espaços na cidade cada vez mais especializados. Sendo necessário para que se possa resgatar essa ideia original da relação com o elemento natural, transpor para a nossa época contemporânea o entendimento que os gregos tinham da *φύσις* (phýsis) como totalidade de um mundo e não como sendo dispersa e passível de uma análise de bisturi.

A separação da ideia de Arquitectura entre ciência, técnica e arte leva-nos a grandes desentendimentos acerca de como enten-

der o seu significado conceptual e simbólico. Enraizado num mundo sensível, em constante evolução e transmutação, em que o conceito de Architectura é visto consoante a visão que se tem dela em cada época, centrando-se sobretudo no objecto e no seu criador.

Se virmos a Architectura, de uma forma epistemológica, como ciência, técnica ou mesmo arte, nesse caso não estaremos face à mesma realidade, nem o mesmo objecto, mas perante uma forma de a ver subjectivamente. Ao centrarmo-nos apenas no mundo sensível das concretizações objectuais da realidade, não entenderemos o verdadeiro significado da Architectura.

A Architectura funciona como a própria evolução histórica e cultural do ser humano. A questão acerca de qual terá sido a primeira architectura remete-nos para uma necessidade de entender o ser humano no espaço que este tem habitado, relacionando-o de uma forma directa com a evolução histórica. Por este não se sentir contemporâneo da própria ideia primordial, da qual surge o mundo sensível, a Architectura poderia funcionar como um elo de ligação deste com o mundo inteligível.

Como vimos, para se entender a Architectura, temos de entender também as relações que esta cria e criou com a ideia de paisagem, procurando recuperar a ideia de *φύσις* (*phýsis*) e não concebendo a própria Architectura, como paisagem ou natureza, já que, segundo a nossa concepção, esta faz parte de um todo, e não está sujeita a um entendimento gestáltico com o mundo. Por isso o *Genius loci*⁵⁷, poderá ser um conceito operativo para podermos resgatar essa totalidade.

⁵⁷ Termo de origem Romana, para designar o espírito protector de um lugar, acreditava-se que todos os Seres e coisas nasciam com um Genius (latim) – Genii (plural) - (espírito protector) similar ao Daímôn grego; Locus (singular) Loci (plural) –significa lugar em latim. Na génese da palavra Genius deriva a palavra gerar, nascer, e para os Romanos todos os seres e lugares nascem com um espírito protector, um guardião.

Para entendermos um pouco melhor este distanciamento e usurpação da Natureza por parte da Architectura, citaremos o arquitecto Josep Maria Montaner que contextualiza um pouco essa ideia:

“a architectura buscou integrar-se à natureza durante a maior parte da sua evolução histórica. De facto, a architectura, vista de uma forma mítica, pode ser entendida como imitação da natureza.”⁵⁸, que foi tendo relações cíclicas de entendimento, de afastamento e de nostalgia da natureza perdida, e diz-nos que “a realidade contemporânea se baseia cada vez mais no predomínio do património artificial sobre o entorno natural, num fluxo de crescimento contínuo das metrópoles(..).”⁵⁹

O *Genius Loci* original, o do ser humano primitivo, passa na nossa contemporaneidade, pelo retorno ao natural, pelo entendimento de um mundo como totalidade e não gestaltico, pela integração da *φύσις* [phýsis] grega nas nossas estruturas conceptuais.

Parece-nos que é precisamente este ideia, a da *φύσις* grega, que a Filosofia da Architectura pode disseminar, trazer para dentro da própria Architectura, ou seja, do seu discurso e produção.

Este afastamento do ser humano da natureza, deve-se ao facto de se ter dado predomínio à ideia de que a Architectura é construção, só se forma através da construção de objectos inertes, perdendo a ideia de que a sua função é ensina-lo a habitar. Esta crise económica veio trazer a necessidade de se mudar de paradigma, em relação ao que se entende por Architectura, cada vez mais surgem

58 MONTANER, Josep Luis, *A modernidade superada: architectura, arte e pensamento do século xx*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.193.

59 *Op. cit.*, p.195.

Capítulo 9

Cidade como chôra e abrigo: sobre a essência da architectura
Maribel Mendes Sobreira

artigos nos média a dar a conhecer movimentos e arquitectos que começam a questionar se, de facto, a Arquitectura é só construção. Vejamos o caso da arquitecta Julia King⁶⁰, que na sua investigação de doutoramento nas favelas da Índia, se deparou com a ideia de que essa comunidade não necessitava de arquitectos, pois já sabiam construir. Em toda a história da Arquitectura, muitos foram os arquitectos que deram importância à Arquitectura vernacular/popular, por saberem que é ali que vão encontrar os pressupostos ontológicos do que poderá ser habitar.

Por isso uma nova ideia de Arquitectura, terá de passar por integrar na sua totalidade todas as realidades e perceber que a Arquitectura não é só construção, é a realização ontológica com o lugar.

Para esta nova ideia de Arquitectura, teremos de ter em atenção o que diz Josep Muntañola, utilizando o conceito de Lukács de *dupla mimesis*⁶¹, ou seja, a Arquitectura tem uma relação directa com o modelo primordial do Cosmos, da natureza e transforma-a através da capacidade de construção mas, por outro lado, intervéem na habitabilidade social, política e psicológica do ser humano. Ou seja, há uma relação mimética entre o puro e o mundo sensível, espelhando ambos os lados da concretização.

A importância da Filosofia da Arquitectura para a Arquitectura situa-se no entendimento de que para uma ideia de Arquitectura, teremos que dar atenção e importância a estes pressupostos: não há

60 in <http://www.archdaily.com.br/br/751175/introduzindo-a-garota-penico-a-arquiteta-do-futuro>, visitado a 2014-10-29

61 MUNTAÑOLA, Josep, *Poética y arquitectura – Una lectura de la arquitectura postmoderna*, Editorial Barcelona, Anagrama, 1981, p. 57.

Arquitectura sem a interligação ético-estética com seu inteligível e a concretização através de uma filosofia do comprometimento com a paisagem. Desta forma tentámos pensar radicalmente a Arquitectura, isto é, descer às suas raízes e ao seu significado primordial, procurando desbravar o caminho para a sua *arché*, o seu abrigo, e sobretudo a sua chôra